
RECENSÃO / BOOK REVIEW

Gallager, Kathleen, & Kushnir, Andrew (2022). *Hope in a collapsing world: Youth, theater and listening as a political alternative*.

University of Toronto Press

Cenários de esperança no teatro da educação

Eunice Macedo*

CIIE - Centro de Investigação e Intervenção Educativas, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, Portugal.

De forma carinhosa e acentuando reconhecimento, “Esperança num Mundo em Colapso: Jovens, Teatro e Escuta como Alternativa Política” é dedicado pela autora e pelo autor a cada avô, respetivamente sobreviventes da 1.ª e da 2.ª guerra mundiais, e enquanto figuras marcantes das suas infâncias, que lhes “ensinaram a beleza das relações intergeracionais”, as quais, como sabemos, recuperam o passado, permitindo a criação do presente e antecipando o futuro.

A responsabilidade, sentida e expressa pela autora, de trazer ao palco as vozes jovens enquanto protagonistas da sua história está na base desta obra em que Gallager partilha o testemunho do que ouviu e viu e foi generosamente partilhado com ela por 250 jovens, nos bastidores da etnografia

colaborativa, desenvolvida durante cinco anos, em que a construção de relações entre investigadores e investigadoras, e com as pessoas jovens teve um papel fundamental como condição da cocriação.

A obra *Hope in a Collapsing World: Youth, Theater and Listening as a Political Alternative* centra o valor “da esperança, do cuidar e da cidadania democrática” (Gallager, 2022, p. 3) como cenários de segurança para garantir o bem-estar das pessoas jovens, na sua relação com as outras pessoas. Isto permite-lhes, no dizer da autora, a opção pela abertura ao mundo, contrariando a necessidade de autoproteção que é despoletada por abordagens mais convencionais, não securizantes. Já nos contextos seguros, com “um ouvido atento e uma voz desperta para a beleza e a miséria do

* *Correspondência:* eunice@fpce.up.pt

mundo (...) tornam-se cidadãos e cidadãos culturais” (p. 4) capazes de endereçar e discutir questões que afetam as suas vidas. Neste caso concreto, foca-se o multiculturalismo e a emergência do racismo em Toronto, o Brexit em Inglaterra, a opressão de género na Índia, a longa crise económica na Grécia, a pressão das expectativas da cultura tradicional em Taiwan. Trata-se de questões especialmente mais localizadas, inseridas num mundo global em que o colapso surge associado a fortes desigualdades sociais, destruição ambiental e opressões sistémicas.

A proposta – e visão – de Gallagher (2022) surge num cenário em que se proclama a necessidade de a educação ir além das suas responsabilidades convencionais, sendo que hoje a tradicional transmissão de conteúdos do passado surge associada à provisão de competências para além dos conteúdos das disciplinas lecionadas, bem como ao desafio da produção de novos saberes e culturas, dos nossos tempos, que dão sentido(s) ao presente e antecipam um futuro novo. As aulas ou oficinas de expressão dramática são aqui vistas enquanto fóruns para a “exploração criativa do envolvimento cívico” (p. 8), cenários que permitem uma compreensão de si enquanto sujeitos na relação com as outras pessoas.

Não resisto a introduzir aqui um excerto da “Canção óbvia” com que Paulo Freire nos prendou, já em 1971, e que faz a abertura da “Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e Outros Escritos” (Freire, 2000). Atende-se a que a conceção freiriana de educação “está impregnada de esperança, esta concebida como uma necessidade ontológica. (...) E por ser a

educação uma prática construtora do humano, no homem e na mulher, educar (...) é humanizar e constitui-se num que-fazer social-político-antropológico-ético” (Ecco & Nogaró, 2015, p. 3523). Este poema lembra-nos o valor de esperar com esperança. *Esperança* que se abre também pela prática teatral, *mediatizada pelo mundo* (Freire, 1968/2018) como permite perceber este trabalho de Gallagher, construindo o presente e inventando novos futuros possíveis, enquanto *alternativa política*.

Canção óbvia

*Escolhi a sombra desta árvore para
repousar do muito que farei,
enquanto esperarei por ti.
Quem espera na pura espera
vive num tempo de espera vã.
Por isto, enquanto te espero
trabalharei os campos e
conversarei com os homens¹
Suarei meu corpo, que o sol queimará;
minhas mãos ficarão calejadas;
meus pés aprenderão o mistério dos caminhos;
meus ouvidos ouvirão mais;
meus olhos verão o que antes não viam,
enquanto esperarei por ti.
Não te esperarei na pura espera
porque o meu tempo de espera é um
tempo de quefazer.
(...)
Estarei preparando a tua chegada
como o jardineiro prepara o jardim
para a rosa que se abrirá na primavera.*

Recuperar o poder da esperança das

¹Penso que se Freire escrevesse este poema, hoje, substituiria a palavra ‘homens’ pela palavra ‘pessoas’, ou acrescentaria ‘e mulheres’, uma alteração que podemos observar nas suas obras posteriores, face às críticas das feministas dos anos

1970, que lhe permitiram a tomada de consciência sobre o sexismo da linguagem e da visão de mundo que lhe subjaz (Macedo, 2021).

peças jovens, delapidado por sistemas educativos que têm como pano de fundo a competitividade e o cognitivismo, surge como novo mandato para a educação. O teatro assume, claramente, um lugar de protagonista na mobilização de uma possibilidade de educação mais humanizada que nos lembra que somos – podemos ser – sujeitos inteiros, autores e autoras, atores e atoras da nossa educação e das nossas vidas (Macedo, no prelo). É esta a abordagem que identificamos na obra em análise, que situa a experiência teatral enquanto alternativa política ao *status quo* social e educativo, num “mundo em colapso”.

Mas o que está em debate nesta obra que nos enche de esperança, conceito distinto do de otimismo pouco fundamentado, como acentua a autora? Esta publicação da *University of Toronto Press* é de autoria de Kathleen Gallagher, numa articulação com a peça de teatro de Andrew Kushnir intitulada “*Towards Youth: A Play on Radical Hope*”. Este ensaio de cruzamento criativo mostra as possibilidades de fazer ciência de outra forma, ou seja, combinando os saberes científicos com uma educação pela experiência (Dewey, 1963) em que o sujeito educativo é mobilizado como um todo, envolvendo pensamento, corpo, relações, emoções e afetos. Ann-Marie MacDonald, no prefácio, elucida o valor desta combinação entre texto sociológico e expressivo-teatral, enquanto *arco-íris duplo*. Interpreto esta metáfora como ode à diversidade, fenómeno natural de múltiplas reflexões e refrações em que um arco-íris espelha o outro, com fidelidade; momento efémero em que as pessoas apreciadoras da *boniteza do mundo* como lugar mais justo (Freire cit. in Araújo Freire, 2021) sabem que, sendo raro, contém uma beleza muito particular, que gostaríamos de prolongar no horizonte de uma vida social em mudança

solidária.

Ann-Marie MacDonald remete-nos, ainda, para a abertura da caixa de Pandora, neste livro, enquanto incumprimento de uma regra estabelecida, valorizando a *feita emocional e artística* que emerge e se expressa num *texto sociológico rigoroso*. Obedecendo a essas características, o livro, que é enriquecido com imagens ilustrativas e vozes jovens em discurso direto, está organizado em duas partes. A primeira, precedida de um prólogo, é constituída por sete capítulos e encerrada com um epílogo que retoma as questões de compreender a relação entre o teatro, enquanto metáfora, e o mundo da vida, bem como o lugar desse mesmo mundo enquanto currículo da expressão dramática. É interessante trazer nesta articulação a visão de Augusto Boal (2005), que justifica a abordagem da equipa de Gallagher, Kushnir incluindo, já que Boal, focando o teatro do oprimido, o situa enquanto ensaio para a vida e argumenta:

O teatro, de um modo particular, é determinado pela sociedade muito mais severamente que as demais artes, dado o seu contato direto com a platéia, e o seu maior poder de convencimento. Essa determinação atinge tanto a apresentação exterior do espetáculo, quanto o próprio conteúdo de idéia do texto escrito. (p. 100)

É dada entrada à parte seguinte, que constitui um recontar teatral da pesquisa realizada, trazendo a oportunidade de “caminhar na direção das pessoas jovens” (Kushnir, 2022, p. 225). Temos acesso a um roteiro da peça de Kushnir, cujo título referi acima e cujo texto dramático foi construído a partir das vozes jovens, ou seja, a partir das suas construções narrativas sensíveis acerca de si nos seus mundos vivenciais reais, mas também dos

seus desejos e sonhos. De forma relevante, afirma-se em relação a esta peça:

não estávamos a usar as palavras das pessoas jovens para levar as audiências a términos pré-determinados, da mesma forma que estávamos a praticar as palavras das pessoas jovens como maneira de sermos levados, com a audiência através de novas escutas das pessoas jovens. (p. 250)

É aqui atinente a continuação do diálogo com Boal (2005), para pensarmos a experiência teatral enquanto domínio de uma nova linguagem que permite ampliar e anunciar uma nova visão de mundo, como argumenta também Gallager. Boal refere:

O domínio de uma nova linguagem oferece à pessoa que a domina, uma nova forma de conhecer a realidade, e de transmitir aos demais esse conhecimento. Cada linguagem é absolutamente insubstituível. (...) a realidade é mais perfeita e amplamente conhecida através da soma de todas as linguagens capazes de expressá-la. (p. 180)

É também nessa medida que a apresentação dialogada da peça vai iluminando um conjunto de questões, não se tendo pretendido fazer uma síntese da pesquisa, mas antes “focar o potencial transformativo do encontro” (Kushnir, 2022, p. 226). Explicando o lugar da construção da peça no cenário da investigação, Kushnir, explora o potencial de ter o teatro nas nossas mãos, apresenta um conjunto de notas sobre a composição exploratória da peça, que foi, por si, traçando caminhos na relação com escolas e os seus atores e atoras; são introduzidos diálogos explicativos entre personagens, como as mães, que dão abertura à compreensão dos contextos;

e entre jovens, que nos elucidam acerca das suas preocupações, entre outras cenas que mostram como o mundo constitui o currículo da expressão dramática, tal como defendido por Gallager nesta mesma obra.

É com o objetivo declarado de partilha reflexiva que a autora começa por definir o enquadramento teórico que sustenta a sua pesquisa, a qual procura iluminar um conjunto de tensões entre proximidade e distanciamento, e na construção relacional do eu, procurando também construir um enquadramento colaborativo que beneficie cada comunidade que participou no trabalho global, bem como perceber a construção da democracia por pessoas concretas em contextos concretos.

Se o primeiro capítulo traz ao palco o valor da escuta, da pedagogia e do teatro como condições para a construção de uma cidadania cultural; o segundo proporciona um olhar em torno dos lugares onde as cenas decorreram, sendo construídos os seus breves retratos sociais, políticos e educativos. Já no terceiro capítulo, a autora traz a debate uma visão sobre a etnografia e as suas diferentes ecologias, a que se segue uma ponderação ampla sobre o cenário qualitativo da sua investigação, em três capítulos, que dão protagonismo a três relações particulares: a relação entre cuidar e a cidadania cultural; a relação entre esperança, pedagogias performativas e a cidadania democrática; e a relação inesperada de construção da interdependência. Já o sétimo capítulo traz a cena os lugares da esperança e do cuidar no cenário quantitativo.

No epílogo, a autora retoma a questão do guião já referida “Que tipo de metáfora para o mundo é o teatro?”, que expande, analisando:

Como usamos a expressão dramática para construir relações éticas? Qual a relação entre

forma, conteúdo e contexto? Como podemos agir de forma responsável? Como está a ideia de esperança relacionada com a existência de alternativas políticas? Como podemos pensar acerca do cuidar de forma relacional? À luz das crises globais continuadas e que se sobrepõem, o que podemos fazer com as artes? (Gallager, 2022, p. 206)

É a partir destas questões, que constituíram o pano de fundo da investigação, tendo como atores e atorais principais as pessoas jovens, que a autora vai extraindo sentidos para o lugar da expressão dramática na educação, enquanto reinvenção do mundo, de forma ética e responsável, que corporiza a renovação da esperança. Tomada de consciência das relações de poder e de desigualdade, de dominação e exclusão social são o ponto de partida para a reinvenção das e dos sujeitos, enquanto seres transformadores nos (e dos) seus mundos vivenciais

Referências

- Araújo Freire, Ana (Org.). (2021). *A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire*. Paz e Terra.
- Boal, Augusto (2005). *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. Civilização Brasileira.
- Dewey, John (1963). *Experience & education*. Collier Books.
- Ecco, Idanir, & Nogaro, Arnaldo (2015). A educação em Paulo Freire como processo de humanização. In *XII Congresso Nacional de Educação EDUCERE* (pp. 3523-3535). Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
- Freire, Paulo (2000). *Pedagogia da indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos*.

Fundação Editora da UNESP.

Freire, Paulo (2018). *Pedagogia do oprimido*. Edições Afrontamento. Publicação original de 1968.

Macedo, Eunice (2021), Pedagogia freiriana e pedagogias feministas: (Des)encontros e diálogos (im)possíveis? *Revista Ideação, 23(1)*. <https://doi.org/10.48075/ri.v23i1.26306>

Macedo, Eunice (no prelo). A dança das pedagogias libertadoras: No horizonte da inclusão educativa e social. In Eunice Macedo et al. (Coord.), *Práticas promissoras em contexto: Transferibilidades de esperança com jovens e profissionais da educação*. Edições Afrontamento.